

Eucanaã Ferraz. *Raio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2023. eBook.

Raio, lançado recentemente em versões de livro físico e e-book, reúne cinquenta e oito poemas que inventam modos de transitar pela complexidade do fazer poético, formando novos enlaces entre a matéria, o conhecimento e a linguagem. Nos versos de “lobos”, “luas”, “noites”; solidão, ironia, espantos, emergem a realidade de “janeiros redivivos”, a lembrança de “um ramo azul de salsa” trazido pelas mãos da mãe ou a infância nos “azulejos da varanda [...] que inicialmente cantam sem palavras” e em outro momento “gritam súbito como feridos”. No universo desta poesia é possível mesmo sonhar um mundo de um “Cristo cravejado de corais” e não de espinhos.

Eucanaã Ferraz abre seu livro com o poema “Telescópio”. Toma esse instrumento da ciência, utilizado para perscrutar o longe, deslocando-o para uma função invertida, poética, a fim de penetrar na emoção e na beleza dos sentimentos e memórias que se encontram por dentro, na grande distância do tempo/espço da vida, observando as mais íntimas galáxias da história da humanidade, do ser e dos seres. Circula por objetos da realidade pragmática “fotografias”, “televisão”, “geladeiras”, “telefones” e, sem aviso, arrebatava o leitor, quando regula a lente para um salto poético mais profundo no qual pergunta, qual trovador, “Ai flores do verde pinho – onde perdi meu amigo?”

A aproximação comparativa entre a concretude das coisas e a abstração imagética estabelece a tensão poética da obra. Essa operação é recorrente em grande parte dos poemas. Assim a construção da experiência humana passa pela inquirição das coisas do mundo, o que representam, como foram elaboradas e por que foram naturalizadas. É uma voz lírica que vive entre estranhezas, perguntas, hipóteses e constatações, tal como se olhasse tudo pela primeira vez, aberta a aprender e quem

sabe sugerir novas possibilidades. No entanto, não impõe, entrega para o leitor o convite para escrever ou repensar a própria história.

Eis uma poética reveladora da intrínseca compulsão humana por classificar, nomear, separar e abreviar – sob a certeza da própria onipotência – a vida e a liberdade dos seres e das coisas do mundo. Num momento em que cada vez mais as certezas se esvaziam, a vida do planeta esmorece e se instaura a bipolaridade nas relações, a poesia se faz mais do que necessária para pensar, e, no caso desta, que desvela uma peculiar consciência-mundo, é fulcral – ou como afirmou Szymborska¹, em seu discurso na Academia Sueca, quando recebeu o Prêmio Nobel:

[...] O mundo - o que podemos pensar quando estamos apavorados com a sua amplidão e com a nossa própria impotência, ou quando estamos amargurados com a sua indiferença em relação ao sofrimento individual, das pessoas, dos animais e talvez até das plantas (pois por que estamos tão seguros de que as plantas não sentem dor?); o que podemos pensar sobre as suas vastidões penetradas pelos raios de estrelas rodeadas por planetas que apenas começamos a descobrir, planetas já mortos? Simplesmente não sabemos; o que podemos pensar sobre este teatro imensurável para o qual temos ingressos reservados, mas ingressos cujo prazo de validade é risivelmente curto, delimitado como está por duas datas arbitrárias; o que quer que pensemos sobre este mundo - ele é assombroso [...].(p. 326-327)

A linguagem-raio, criada pelo poeta, investiga uma nova forma de se conectar. É espelho invertido, desavisado, clarão rápido que desnuda e encobre. Um súbito e inesperado lampejo de clarividência. Um fragmento de tempo e de humanidade da terra e na Terra: “Claraboia repentina.[...] pequeninas pontes do breu/ ao breu parecem pulseiras chamejantes nos/ braços de um sonâmbulo arrancado de um/ mistério para outro[...]”. (poema “Raio”, homônimo ao título da obra).

Os poemas, atravessados por um olhar de mundividência, cosmogônico, grávidos do espírito que habita as coisas, dos povos originários, sugerem que tudo que ali está, esteve (estará?). Abrem-se para a língua-mundo, a língua-cosmos, a arqueologia de que somos feitos, a busca pelo sentido daquilo que sustenta a sístole e a diástole da natureza. A partir de um fragmento de realidade, uma semente de romã, por exemplo, encerra o espaço-tempo que se dissolve e a semente rubra e brilhante em “cristais sanguíneos” torna-se tela. Nesse poema, intitulado “Eu sou”, um instante descortina um facho no tempo/espaço simultâneo e presente e exemplifica *o modus*

¹ SZYMBORSKA, Wislawa. *Um amor feliz*. Seleção e tradução de Regina Przybycien. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

operandi, visto que do fato de cortar uma romã, “comprei uma romã no mercado/ simplesmente. Mas aberta sobre a mesa da/ cozinha – como dizer– mostra nos cristais/ sanguíneos a Grécia arcaica [...]”, deflagra o ponto de partida para um mergulho na Antiguidade e engendra a potência discursiva de colocar sobre a mesa tudo ao mesmo tempo e no mesmo espaço.

Na medida em que a leitura avança, é possível perceber que espiar o avesso, perguntar mais do que responder e devolver às coisas seu poder de coisa, sua autonomia para começar de novo são chaves de leitura possíveis, pois: “As/ coisas receberam bem seus novos nomes não/ porque do nome dado não se olha os dentes –/ mas porque ao ser dito pela primeira vez o nome/ se faz dentes ele mesmo e rasga na paisagem/ uma fonte repentina.” (“Barcarola”).

Por meio da construção de uma linguagem altamente sinestésica, policromática, texturizada, o poeta estabelece o conflito contemporâneo orquestrado pelo desalinhamento entre o corpo corporificado dos seres que habitam o mundo e o espírito que a eles se integra. Inclina-se a entender as razões da existência diante da bidimensionalidade do físico e do metafísico como no poema “Estudo”, no qual questiona a realidade inventada. E se tirássemos o humano da equação, as coisas, os seres continuariam existindo sem serem nomeados? Nomear é dar existência (e para quem isso realmente importa?) e se não nomear deixará de existir? A primazia constituinte do ser humano que o leva a catalogar, classificar, quantificar o universo para justificar sua presença e negar que no fundo a vida planetária prescinde dele e essa cosmovisão o desestabiliza, quando desatina a ensimesmar-se: “será invisível se eu não quiser vê-lo? Poderei vê-/lo sem lhe dizer o nome? Poderei dizê-lo sem/ saber que nome tem?”. O que é real? Onde está ancorada a certeza do que é real?

O poema “O Xamã”, dedicado a Davi Kopenawa, dá voz à visão de mundo Yanomami, o respeito pela natureza como um ser e não recurso e suplica: “Deixai em silêncio o ouro/ deixai em repouso sua alcova/ antiquíssima no centro da terra/ no antes do ovo”. Denuncia a ambição, a ignorância sobre o que realmente importa, ou melhor, enfatiza a percepção de que voltar às “fontes”, aos povos originários, entender o espírito do universo físico é renomear, subverter, mudar a ordem, desconstruir,

encontrar novos caminhos, novas formas para articular a sensibilidade, a emotividade e a razão

Muitas são as faces dessa obra, tanto em relação aos temas como à dinâmica dos estados de espírito da voz lírica que – tão humana quanto possa – alterna-se entre um tom de conformismo diante das constatações, beirando um certo niilismo como no poema “*Gesto*”, que apresenta “Mãos desprendidas de sonhar/ Largar tudo que se prende/ Mãos agora cegas e selvagens”. Por outro lado, este é o milagre da poesia e seu paradoxo, pois ao dar existência ao poema, o poeta cria a condição necessária e suficiente para as mãos deixarem de ser “cegas” e “selvagens”.

A obra se inscreve na contradição intrínseca à arte que ao mostrar, esconde, e ao ocultar, revela, visto que se materializa como um raio, caracterizado por um clarão violento que intensifica a escuridão. Desse modo a aparente leveza da construção retórica, a técnica marcada pela coloquialidade, as formas poéticas condensam a potência poética, transformando-a em palavra fundante. Ilumina nossa consciência, alertando que “Nada pode o leão contra a pedra em que está/ esculpido [...]. Assim será até que nos tempos a pedra se esfarele e/ ele se liberte de ser a imagem de sua imagem/ sequestrada.” (poema “Monumento”).

Ler *Raio* é um encontro com o poético, com uma imagética primorosa, manifestada em uma linguagem de muitos volts. É estar diante de uma obra que abraça a intensidade da vida, dialoga com poetas como Murilo Mendes, Ferreira Gullar, Cecília Meireles, Gastão Cruz e com a tradição literária de tantos que antes do antes erigiram a História da Poesia nos tempos e espaços da vida. Uma poesia necessária. Uma poesia entre.

Eucanaã Ferraz nasceu no Rio de Janeiro, em 1961. Doutor associado de Literatura Brasileira na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), é ensaísta, pesquisador, organizou obras e antologias de diferentes autores, entre eles Caetano Veloso e Vinícius de Moraes. Entre suas obras premiadas estão *Desassombro* (2002), Prêmio Alphonsus de Guimaraens, da Fundação Biblioteca Nacional; *Cinemateca* (2008), Prêmio Jabuti; *Sentimental* (2012), Prêmio Portugal Telecom de Melhor Livro de Poesia; *Retratos com Erro* (2019), vencedor da primeira edição do Prêmio de Poesia Oeiras/PT. Publicou ainda *Escuta* (2015) e a antologia *O Pavão do Quarto*

Andar e outros poemas portugueses (2020). Escreve também literatura infantil e recebeu prêmios pelas obras *Palhaço*, *Macaco*, *Passarinho* (2010), Prêmio Ofélia Fontes, pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, o Melhor Livro para a Criança; *Cada Coisa* (2016), Prêmio de Melhor Livro de Poesia e de Melhor Projeto editorial pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil.

Suzana Pagot

Poeta

Doutora em Letras